

As dimensões religiosa e estética nos Sermões de Vieira

Alex da Silva Mendes*

RESUMO

Pretendo enfatizar nesse artigo, que os estudiosos reconhecem que os Sermões do Padre Antônio Vieira, se dão notadamente, em duas dimensões: a dimensão estética, como apresenta a inscrição da obra na literatura, e a dimensão religiosa que acaba sendo o seu traço mais destacado. Quero destacar esses dois aspectos dos textos vieirinhos, percebendo neles a estratégia que o jesuíta utilizou com singular habilidade. Para fazer progredir, ainda mais, a palavra divina, Vieira se valeu dos recursos estéticos com a clara intenção de convencer o receptor, o que é, ao fim, o alvo que seus sermões buscavam atingir. Quero destacar dois sermões e um escrito profético: *Sermão do Mandato*; nele o pregador desenvolve o tema do amor divino. Vieira busca a imagem de Cupido, o menino com que os antigos representam o amor. O *Sermão da Sexagésima*, em que resume a arte de pregar. O escrito profético, *História do Futuro*; onde Vieira, através de figuras de linguagens, desenvolve o mito do Quinto Império. **Palavras-chave:** Padre Antônio Vieira; Sermões; Literatura; Estética.

ABSTRACT

In this article, I intend to emphasize that scholars recognize that the Sermons of Father Antônio Vieira are notably given in two dimensions: the aesthetic dimension, as the inscription of the work in the literature presents, and the religious dimension that ends up being its most outstanding feature. I want to highlight these two aspects of the neighboring texts, perceiving in them the strategy that the Jesuit used with singular skill. To further advance the divine word, Vieira made use of aesthetic resources with the clear intention of convincing the receiver, which is, in the end, the target that his sermons sought to reach. I want to highlight

* Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP). Membro dos Grupos de Pesquisas: Lerte (Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia), A Questão de Deus e Sociedade Paul Tillich do Brasil. E-mail: professoralex.educacao@gmail.com.

two sermons and a prophetic writing: Sermon on the Mandate; in it the preacher develops the theme of divine love. Vieira seeks the image of Cupid, the boy with whom the ancients represented love. The Sermon of the Sixtieth, in which he summarizes the art of preaching. The prophetic writing, History of the Future; where Vieira, through figurative language, develops the myth of the Fifth Empire.

Keywords: Father Antonio Vieira; Sermons; Literature; Aesthetics.

Introdução

O Padre Antônio Vieira faz parte da galeria dos clássicos por vários aspectos. Marcou-nos permanentemente a Língua Portuguesa como exímio escritor. Quando estudamos Vieira, logo destacam-se as variadas facetas desse grande português do Brasil, onde avulta e brilha o primoroso escritor, o pregador sacro sem concorrente, e o humanista e homem de ação sem paralelo, foi um defensor de negros, cristãos novos e índios, da justiça e da liberdade, a par de sua postura contra os abusos da Inquisição do Tribunal do Santo Ofício, sem esquecer o político e diplomata de muitas causas e batalhas, ou o filólogo que falava sete dialetos nativos, nos quais pregava e escrevia os catecismos com que ensinava os índios. Assim sendo, não é de estranhar que a moderna Língua Portuguesa, saída do gênio de Camões, tenha sido lapidada e consolidada pela escrita e pela voz do Padre Antônio Vieira, que elevou a prosa portuguesa à sua mais alta e pura expressão, como Camões tinha feito com a poesia épica.

Sobre a amplitude literária de Vieira, nos informa José Verdasca nos Sermões Escolhidos:

Da grandiosa, rica, e erudita obra de Vieira, sobressaem naturalmente os Sermões, que resplandecem como brilhantes, por serem acentuadamente barrocas empolgantes peças de oratória onde metáforas e alegorias são muitas vezes magistralmente incluídas e manuseadas, de molde a enriquecer imagens e conceitos, que ilustravam a sua linguagem, e causavam profundo impacto no auditório; tais artifícios de discurso e linguagem, de inigualável e elegantíssimo estilo, e de incisiva e clarividente oportunidade, revelavam excepcional talento oratório, aguda e profunda sensibilidade, e enciclopédica erudição, a qual dava mais luz ao já esfuziante brilho da sua palavra, onde sobressaía, indestrutível, a capacidade de argumentação, a tomar inatacáveis porque conclusivas - suas perfeitas, arrojadas, e belas construções retóricas, normalmente

alicerçadas em princípios e revelações bíblicas, devidamente ilustradas com exemplos concretos, do dia-a-dia da vida de seus ouvintes (SERMÕES ESCOLHIDOS, 2006, p. 17).¹

Vieira escreveu cerca de duzentos e vinte sermões, seiscentas e cinquenta cartas, discursos apologéticos, gratulatórios, panegíricos, exortações, exórdios, prédicas, homilias, orações fúnebres. As obras de Vieira impõem a nós um olhar atento pela elevação e beleza de sua estilística e construções retóricas. Ele escreveu sobre política, profecia, poesias e teatro. Mas os seus sermões contém um estilo barroco que embeleza pela construção e arte literária. É importante ressaltar, que “parte do patrimônio literário luso-brasileiro e tesouro da Língua Portuguesa, os Sermões de Antônio Vieira representam primeiramente uma parte importante de sua atividade de pregador” (ABRÃO, 2012, p. 17).²

O Sermão do Mandato

O Sermão do Mandato foi proferido em Roma, na Igreja de Santo Antônio dos portugueses, no ano de 1670. Nesse sermão, Vieira está falando com seu auditório sobre o amor extremo do Cristo por nós. Percebe-se que Vieira busca a imagem do Cupido, o menino com que os antigos representaram o amor. De forma brilhante, o jesuíta enfatiza a escolha dos antigos, da criança como símbolo do amor, porque nenhum amor dura tanto que chegue a ser velho. Avançando em sua reflexão, ele cita alguns episódios bíblicos: o caso de Jacó com Raquel e de Jônatas com Davi. Vieira busca outra interpretação. Ele define que se pinta o amor sempre menino, porque ainda que passe sete anos, como no caso de Jacó, nunca chega à idade de uso da razão. Nesse momento, de forma brilhante, Vieira estabelece o prisma de seu raciocínio, falando que o amor sempre entrará em rota de colisão com o juízo. Ele vai dizer o seguinte:

¹ PADRE ANTÔNIO VIEIRA. **Sermões escolhidos**. Texto integral (coleção obra-prima de cada autor) Editora Martin Claret, São Paulo – SP, 2006.

² ABRÃO, Maria. **Lembra-te do futuro: a teologia de Antônio Vieira à luz da História do futuro** – São Paulo: Edições Loyola; Recife, PE: UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, 2012.

Usar de razão e amar, são duas coisas que não se juntam. A alma de um menino, que vem a ser? Uma vontade com afetos e um entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor, quando conquista uma alma; porém o primeiro rendido é o entendimento. Ninguém teve a vontade febricitante que não tivesse o entendimento frenético. O amor deixará de variar, se for firme, mas não deixará de tresvariar, se é amor. Nunca o fogo abrasou à vontade, que o fumo não cegasse o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração, que não houvesse fraqueza do juízo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. E como o primeiro efeito ou a última disposição do amor, é cegar o entendimento, daqui vem que isto que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorância; e quantas partes tem de ignorância, tantas lhe faltam de amor (VIEIRA, 2001, p. 345).³

Esses elementos, que transitam nos sermões de Vieira, trazem uma dimensão estética e religiosa, que estabelece um raciocínio dialético em suas obras. São perceptíveis os aspectos conceituais das imagens e o fluxo melódico que ecoam nelas.

Vieira intensifica um jogo de palavras, causando um contraste que se dá pelo trecho inteiro. Podemos perceber o alinhamento de significantes como amor, vontade, fogo e coração. Vieira utiliza essas palavras, com várias acepções correlatas, para capturar a atenção de seu auditório. Ele leva-nos a refletir sobre o amor divino e a manifestação do amor humano.

2, Sermão da Sexagésima ou do Evangelho

O Sermão da Sexagésima ou do Evangelho, foi pregado por Vieira, na Capela Real de Lisboa, no ano de 1655. Sexagésima corresponde, no calendário da Igreja, ao domingo quinze dias anterior ao primeiro da Quaresma.

De acordo com (ÁVILA, 2009, p. 10)⁴, o Sermão da Sexagésima tinha quatro objetivos:

- a) Literário, ou seja, criticar o abuso do *sermo artifex* na sermônica do tempo;
- b) Ético, condenar o brilho mundano da oratória sacra;
- c) Religioso, que exalta a pregação e o trabalho missionário;

³ VIEIRA, Padre Antônio. **Sermões**. Alcir Pécora (Org.). São Paulo: Editora Hedra, 2001.

⁴ *Isaias, LX, 8. – Tradução: Quem são estes que vem voando como nuvens?*

- d) Pragmático, verberar a inocuidade de uma sermonística estilizada e editar uma nova teoria do sermão, mais no propósito doutrinário da Igreja.

O discurso se fundamenta numa frase paradigma tomada à parábola evangélica: sair para semear (São Mateus 13, 1-23).

A ideia central implícita é a do Sermão como uma sementeira da palavra de Deus no espírito dos homens.

Por isso Isaias chamou aos pregadores nuvens: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant?* A nuvem tem relâmpago, tem trovão e tem raio: relâmpago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração; com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim há de ser a voz do pregador um trovão do Céu, que assombre e faça tremer o mundo (VIEIRA, 1951, v. I, p. 26).⁵

Percebe-se nesse sermão, uma linguagem própria, com ludicidade e sensibilidade barroca. Através de metáforas e jogo de palavras, Vieira elucida o papel do emissor. A metáfora do relâmpago e trovão destacam a tarefa central do pregador. Vieira destaca a frase a partir de um conceito sintetizador do sintagma, a maior regularidade no discurso vieirinho: a construção enumerativa e a sequência frásica.

Através da técnica reiterativa, dos jogos de repetição, Vieira diz o seguinte:

Todas as criaturas quantas há no mundo se reduzem a quatro gêneros: criaturas racionais, como os homens: criaturas sensitivas, como os animais: criaturas vegetativas, como as plantas: criaturas insensíveis, como as pedras: e não há mais. Faltou alguma destas que se não armasse contra o semeador? Nenhuma. A natureza insensível o perseguiu nas pedras, a vegetativa nos espinhos, a sensitiva nas aves, a racional nos homens. E notai a desgraça do trigo, que onde só podia esperar razão, ali achou maior agravo. As pedras secaram-no, os espinhos afogaram-no, as aves comeram-no, e os homens? Pisaram-no. (VIEIRA, 1951, v. I, p. 3).⁶

5 VIEIRA, Padre Antônio. Obras Completas. Sermões, v. I. Porto: Lello & Irmãos-Editores, 1951.

6 *Ibid.*, 1951, p. 3.

É perceptível a construção enumerativa, nesse trecho do sermão. Por exemplo: criaturas racionais, criaturas sensitivas, criaturas vegetativas e criaturas insensíveis. Também há uma sequência frásica: As pedras secaram-no, os espinhos afogaram-no, as aves comeram-no e os homens pisaram-no. São pares de palavras que formam substantivos e adjetivo. São jogos de repetição, com variação rítmica. Essas imagens dão ênfase no Sermão da Sexagésima.

Seguindo adiante, dentro da sugestão da parábola evangélica do trigo e semeador, sobressaem as conotações trigo/palavra de Deus, semeadores/pregadores da palavra de Deus.

De acordo com (ÁVILA, 2009, p. 12),⁷ a ideia-núcleo do discurso se reduz aí a um feixe mínimo e concreto de imagens, primeiramente por meio de pares adjetivados de palavras - trigo mirrado/ trigo afogado/ trigo comido/ trigo pisado, para ao final chegar até mesmo a prescindir do substantivo e firmar-se tão somente no termo adjetivo-participial: “mirrados/ afogados/ comidos/ pisados”.

Em outra ocorrência do sermão, há um processo idêntico. Vejamos:

Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. (VIEIRA, 1951, v. I, p. 3-4).⁸

Aqui, a imagem se contrai, em essencialidade substantiva. Vieira atribui um substantivo pela palavra da mesma categoria. Trata-se de um artifício de adjetivação, de concreção da linguagem, que o jesuíta busca estabelecer em sua poesia. Exemplo: Homens pedras, homens troncos, homens brutos e homens homens.

Esse sermão é sem dúvida, espetacular. Nele aparece elemento de jogo e ornamentação da linguagem. A fala Vieirinha pretende atender à sensibilidade do ouvinte barroco. Além do afeito comprazimento auditivo das figuras, que realçam a ornamentação sonora. Vieira pretende,

⁷ *Ibid.*, 2009, p. 12.

⁸ *Ibid.*, 1951, p. 3-4.

reverberar nesse sermão, a fuga ao espírito regrador da sua prosa, ao jogo de trocadilho.

De forma intencional, Vieira deixa clara no Sermão da Sexagésima, aquilo que prevalece menos crítico ao estilo oratório do tempo, do que a persuasão da mensagem retirada à parábola do semeador. Como texto, o sermão resulta um jogo de armação retórica, onde se equilibram o fulgor ordenado da linguagem e a severa objetividade do pensamento doutrinário. Texto que é, no sentido moderno, mais uma prosa artística do que simples sermão, peça de oratória religiosa. Entre as duas grandes linhas de estilo em que se divide a linguagem do barroco literário ibérico, o Sermão da Sexagésima tende mais para o conceptismo, isto é, o formalismo das ideias, do que para o cultismo, o formalismo da palavra.

O Sermão da Sexagésima, tornou-se uma cartilha para nós. Nele, o Padre Antônio Vieira, imortalizou um dos estilos mais belos de sermões. Nesse sermão, aprendemos a arte da retórica e a dialética que está tão escassa na atualidade. “Talvez aqui esteja o segredo do seu brilho, a chave de seu prestígio, a razão da sua perenidade” (SERMÕES ESCOLHIDOS, 2006, p. 22).⁹

3. História do futuro

De acordo com (ABRÃO, 2012, p. 25),¹⁰ o corpus profético de Vieira consiste em: Esperança de Portugal (carta ao bispo do Japão), *História do Futuro* (obra inacabada) e a *Clavis Prophetarum*, que tem por subtítulo: *De regno Christi in Terris consummato*. Na obra profética, *História do Futuro*, Vieira vai anunciar o Quinto Império. Vieira começa a escrever História do Futuro, na década de 40, em 1649.

Por causa do Conselho Geral da Inquisição de Lisboa, ele para de escrever História do Futuro, e só vai retomar essa obra em 1663-65, cerca de 14 anos depois.

Vieira endereça essa obra profética para cinco destinatários:

1. O mundo
2. Portugal

⁹ *Ibid.*, 2006, p. 22.

¹⁰ *Ibid.*, 2012, p. 25.

3. O leitor em geral
4. O leitor cristão
5. Espanha

As profecias de Viera, em *História do futuro*, estão fundamentadas:

1. Na Escritura Sagrada, em especial nos livros dos profetas: Daniel e Zacarias;
2. Nas palavras de Cristo ao rei D. Afonso Henriques. Conhecido como o milagre do Ouriques;
3. As profecias ou trovas anunciadas pelo sapateiro Bandarra (A ressurreição de D. João IV);
4. Nas grandes navegações e descobertas portuguesas (Nacionalismo).

No primeiro capítulo de *História do Futuro*, Vieira enfatiza o Quinto império do mundo. Ele fará isso, com ajuda da leitura da história e da Sagrada Escritura. Vieira se baseia em Daniel 2 e 7. Daniel 2 – 4 elementos: ferro, barro, bronze, prata e ouro. Representando quatro impérios. A pedra que esmiuçou a estátua e encheu toda terra é o Quinto império de Cristo e dos cristãos.

Em Daniel 7, aparecem quatro animais simbólicos: o leão, o urso, o leopardo e o animal terrível e espantoso. Nesse cenário escatológico, aparece um Ancião de Dias, que julgará e entregará o reino:

Mas o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim. E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão (Daniel 7,26-27).¹¹

Está posto aqui, o Quinto império de Cristo e dos cristãos. Em seguida, Vieira cita Zacarias 6, onde aparece a metáfora de quatro carros, que representam quatro impérios. O sumo sacerdote Josué, chamado de o Renovo, representa o Cristo e seu Império.

¹¹ BÍBLIA TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia. Edições Loyola - São Paulo, Brasil, 1996.

Vieira no (livro II, Tomo III, v. I),¹² diz o seguinte: “é conclusão certa e de fé que este Quinto império de que falamos, anunciado e prometido pelos profetas, é o império de Cristo e dos cristãos”.

Para Vieira, esse Quinto império no mundo é espiritual e temporal. Espiritual no fim e causas de sua instituição, espiritual nas leis, espiritual no governo, espiritual no uso, nas execuções e no exercício. Esse reino, converge para o bem-estar de todos.

Nesse sentido, o império espiritual de Cristo, não anula ou exclui o seu domínio temporal. Vieira aplica-se a mostrar no sexto capítulo, sempre se referindo seja às Escrituras, seja às autoridades teológicas reconhecidas em sua época, porque é possível afirmar esse domínio temporal sobre todo o mundo. E assim ele o enuncia:

1. pela união hipostática, em que Cristo recebe não apenas o ser e a natureza, mas também todo o poder e domínio sobre o mundo;
2. pelo fato de ser filho de Deus, o que o torna herdeiro daquele que é Senhor absoluto;
3. pelo ato doador do Pai, sublinhado segundo Vieira muitas vezes nas Escrituras: Salmo 2, Hebreus 1,8, Lucas 2 e ainda: “*toda autoridade me foi dada sobre o céu e sobre a terra*” (Mateus 28, 18).
4. pelo resgate da humanidade por seu sangue. A humanidade e todos os bens lhe pertencem.

Para Vieira, o domínio de Cristo será na terra. Na oração do Pai nosso é dito: venha a nós o teu reino.

Os quatro primeiros impérios foram na terra. A profecia do anjo Gabriel para a virgem e santa Maria dizia o seguinte:

Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim. (São Lucas 1, 32-33).¹³

¹² VIEIRA, Padre Antônio. Obra completa: tomo III profética, volume I: **História do futuro e a voz de Deus ao mundo, a Portugal e à Baía**/ direção José Eduardo Franco, Pedro Calafate – São Paulo: Edições Loyola, 2015.

¹³ *Ibid.*,

Para Vieira, o tempo é uma importante chave profética. Em *História do Futuro*, ele descreve:

O tempo, como o Mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são esses instantes do presente que vamos vivendo, em que o passado se termina e o futuro começa. (HF, 2015, p. 67).¹⁴

A preocupação de Vieira, ao tentar uma definição do tempo, não é especulativa. Ele busca na contingência humana o espaço de uma ação. Se de um lado essa contingência marca os limites, de outro lado esses mesmos limites apontam para uma superação. Mas essa superação é para ele de ordem teológica, pois não é compreendida no sentido de supressão de limites, dado que o homem é marcado pela finitude.

Vieira, vai se deter, em elaborar a nomeação das três Pessoas divinas:

a) A primeira Pessoa divina

Quando se dirige a Deus no discurso direto ou indireto, ele o identifica e o nomeia¹: fonte primeira de toda sabedoria, Pai das luzes, supremo Senhor, Autor de todas as Escrituras, Divina Majestade, Providência, supremo Criador, supremo Monarca, Divina Providência (*Ibid.*, p. 185), Senhor dos exércitos, Monarca supremo e universal (*Ibid.*, p. 146), Supremo Poder, Senhor absoluto dos reinos e impérios (*Ibid.*, p. 149), primeira e suprema Verdade (*Ibid.*, p. 162), Senhor da terra (*Ibid.*, p. 212), Sabedoria e Providência divinas, Senhor dos tempos (*Ibid.*, p. 175).

b) A segunda Pessoa divina

Jesus Cristo, o Filho, é na maior parte do tempo chamado por Vieira o Cristo tanto nos Prolegômenos quanto na História do futuro. Nos Prolegômenos, vemos que ele apareceu ao rei D. Affonso Henriques (*Ibid.*, p. 91, 132, 146), vem em ajuda aos seus (*Ibid.*, p. 104), coroa os reis (*Ibid.*, p. 132), pede a todos para escutar as Escrituras (*Ibid.*, p. 158), é a Sabedoria Eterna (*Ibid.*, p. 182), abre os olhos dos cegos

¹⁴ *Ibid.*, 2015, p. 67.

(*Ibid.*, p. 189), submete os povos ao seu Império (*Ibid.*, p. 239), abre o mar para a salvação dos homens (*Ibid.*, p. 239, 240, 241), é a Suprema Justiça (*Ibid.*, p. 190), o Filho de Deus (*Ibid.*, p. 195), o Esposo (*Ibid.*, p. 197, 198, 215, 217), a Fonte e o Sol (*Ibid.*, p. 201).

c) A terceira Pessoa divina

O Espírito ou o Espírito Santo, nomeado como tal, tem um lugar relativamente discreto no desenvolvimento do projeto de Vieira. Entretanto, sobretudo nos Prolegômenos, observamos uma insistência de Vieira nos capítulos IX, sobre a atualidade de sua ação. Nos Prolegômenos, encontramos afirmações diretas de Vieira: o Espírito continua a ditar as profecias, sendo também o autor das profecias que não são canônicas (*Ibid.*, p. 144), assiste o homem (*Ibid.*, p. 153), a Igreja e sua cabeça (*Ibid.*, p. 199, 200) ensinando-lhes e esclarecendo-os continuamente (*Ibid.*, p. 200), continua a ornar a Igreja com o dom da profecia, apesar de o cânon ter sido concluído (*Ibid.*, p. 159), e a esclarecer os homens. Ele iluminou os Padres da Igreja (*Ibid.*, p. 192, 219), é o Mestre da escola do Cristo (*Ibid.*, p. 199) e é Deus como ele.

d) Deus, o Senhor da história

Na História do futuro a história é concebida como o lugar onde se desenrola o plano de Deus e onde o homem ocupa um lugar central. Ele é chamado a tomar consciência disso, a confiar e a colaborar com todas as suas forças. Aliás, a História do futuro é a proposta que quer levar a essa adesão existencial no presente.

É diante do Tribunal do Santo Ofício, que o padre Antônio Vieira, expõe os fundamentos teológicos do Quinto Império.

Em 1663, chegado havia pouco do Brasil, expulso pelos colonos do Maranhão, Vieira foi instado pelo Santo Ofício a justificar as opiniões que expusera na Carta *Esperanças de Portugal* que escreveu em 1659 ao Bispo do Japão, profetizando a ressurreição do Rei D. João IV. Processado pela Inquisição de Coimbra, Vieira pediu para redigir uma resposta ou apologia a eles, os inquisidores, cuja permissão pelo Conselho Geral só lhe foi dada em abril de 1664.

Segundo os Autos do processo de Vieira na Inquisição (O processo do Tribunal do Santo Ofício, Tomo III, Volume IV, p. 12), “o processo

contra Vieira, vai de 18/04/1663, com a denúncia feita pelo Frade Jorge de Carvalho, até audiência de perdão, em 30/06/1668. Vieira ficou recluso nos cárceres do Santo Ofício de Coimbra e foi submetido a trinta exames de audiências, entre 1663 e 1667. Ele foi interrogado por Alexandre da Silva. O crime de que a Inquisição o acusa diz respeito a heresia e judaísmo. As circunstâncias do Processo de Vieira na Inquisição, estão expostas na *História de Antônio Vieira*, nos textos introdutórios das *Obras escolhidas e Apologia*”.

A tese de Vieira:

1. Bandarra é verdadeiro profeta;
2. D. Afonso Henriques e a narrativa sobre Ourique;
3. As grandes conquistas e restauração de Portugal.

Vieira se atém a fatos históricos, teológicos, proféticos e culturais. Além das metáforas e símbolos que irão compor a escatologia vieirinha. Percebe-se que os sermões de Vieira contêm uma forma literária revestida de magia verbal, o seu sermão barroco atingia simultaneamente a sensibilidade e a inteligência, comunicando com maior eficácia a mensagem religiosa.

Em Vieira, o Quinto Império aparece tardiamente. Não há menção ao tema antes da carta que redige ao bispo do Japão, em 1659, então com 51 anos, onde aborda o tema das trovas de Bandarra. É, portanto, no período de Restauração da coroa portuguesa que Vieira começa a visualizar uma história gloriosa para o futuro de Portugal. O papel da nação portuguesa é central no quadro geral do Quinto Império: é ela a nação que conduzirá o mundo à cristianização universal, ao Império de Deus na Terra. O Quinto Império é, assim, o futuro de Portugal, bem como, para Vieira, a própria razão de seu presente, naquele momento, presente este ameaçado duplamente no continente, pela Espanha, e, além-mar, nas terras portuguesas do Brasil, pela Holanda: é o mito funcionando como fator de coesão do povo português. Se em Bandarra o tema aparece como profecia popular, em Vieira ganha substrato filosófico e político: torna-se projeto.

Sobre a relevância do mito, escreveu (GUSDORF, 1984, p. 318),¹⁵ “nós não justificamos o mito, é ele que nos justifica, porque

¹⁵ GUSDORF, Georges. *Mythe et Méthaphysique*. Paris, Flammarion, 1984.

é princípio de compreensão em forma e o único sinal possível da espiritualidade humana”.

Considerações finais

Em seus sermões, Vieira aborda os mais complexos problemas da vida humana. Ele vai a fundo na essência humana. Seus sermões nos põem em contato com fenômenos sociais e existenciais de todos os tempos. Vieira escrevia e pregava como ninguém. Nos deixou um grande legado literário, no mais puro vernáculo. Escritos profundos, ecléticos, éticos e estéticos.

Os sermões de Vieira prendiam a atenção do leigo, do professor e até dos eruditos. Pela beleza e estilística, pela firmeza e clareza de suas construções retóricas.

Vieira é considerado o maior orador de toda história, da literatura brasileira. Não só na arte de escrever, mas também na arte de interpretar. Alguns biógrafos, dizem que Vieira era alto, tinha cabelos brancos, barbas brancas, voz possante e gesto teatral.

Segundo (ALVES, 2009, p. 180),¹⁶ “os Sermões de Vieira foram pensados para o púlpito como teatro”. Foram escritos para serem declamados, daí o ritmo musical do fraseado, que ora se acelera em movimentado alegre vivace, ora se alonga em pianíssimos adágios, a submissão das palavras aos verdadeiros passos de dança, provenientes dos jogos de palavras, das repartições e simetrias, e da utilização engenhosa da arte da proporção. Ao lado deste ritmo teatral do discurso, há um outro aspecto teatral nos Sermões. Vieira se fixou em grandes arquétipos. Ele encontrou no cenário simbólico bíblico, a base dos seus sermões.

As multidões ouviam admiradas os sermões de Santo Agostinho em Hipona, na Itália e na França, acompanhavam deslumbradas os pronunciamentos de Santo Antônio de Lisboa, mas no Brasil, e em Roma, assistiam aos sermões do Padre Antônio Vieira. As massas populares, procuravam algo a mais que um sermão, buscavam um encontro com a realidade da essência da vida. Nesse sentido, os sermões de Vieira, abordavam os mais complexos sentimentos e realidades existenciais da vida humana.

¹⁶ *Ibid.*, 2009, p. 180.

Seus sermões deslumbravam índios, escravos, senhores de engenho, plebeus, nobres, simples e eruditos, reis e cardeais. D. João IV quis nomear Vieira, bispo. O Papa Clemente X chamou-o, para ser seu confessor. A rainha da Suécia chamou Vieira, para ser seu confessor. Vieira, no entanto, escolhe ir para a Baía, Grão Pará e Maranhão, para pregar aos índios. Até hoje, os sermões de Vieira nos encantam. Deixou-nos um legado incrível. Estar diante dos seus escritos, é ter a oportunidade para refletir sobre a vida, o presente e o futuro. Seus sermões, sem dúvida, tinham uma linguagem apaixonada e eloquente, tinham certeza e inteligência, uma cartilha a todos que recorrem para aprender a arte da oratória.

Referências

ABRÃO, Maria. **Lembra-te do futuro: a teologia de Antônio Vieira à luz da História do futuro** – São Paulo: Edições Loyola; Recife, PE: UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, 2012.

BÍBLIA TEB – **Tradução Ecumênica da Bíblia**. Edições Loyola - São Paulo, Brasil, 1996.

GUSDORF, Georges. **Mythe et Méthaphysique**. Paris, Flammarion, 1984.

VIEIRA, Padre Antônio: **400 anos depois/** Organização de Lélia Parreira Duarte, Maria Theresa Abelha Alves. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009.

VIEIRA, Padre Antônio. **Sermões escolhidos**. Texto integral (coleção obra-prima de cada autor) Editora Martin Claret, São Paulo – SP, 2006.

VIEIRA, Padre Antônio. **Sermões**. Alcir Pécora (Org.). São Paulo: Editora Hedra, 2001.

VIEIRA, Padre Antônio. **Obras Completas. Sermões**, v. I. Porto: Lello & Irmãos-Editores, 1951.

VIEIRA, Padre Antônio. **Obra completa: tomo III profética, volume I: História do futuro e a voz de Deus ao mundo, a Portugal e à Baía/** direção José Eduardo Franco, Pedro Calafate – São Paulo: Edições Loyola, 2015.

Submetido em: 18-2-2023

Aceito em: 23-2-2023